Leitura em sites: possibilidade de formação do leitor

Adriana Ferreira Boeira[1]
Flávia Brocheto Ramos[2]

Resumo: A escola tem o desafio de promover a formação de leitores competentes explorando a diversidade de textos que circulam socialmente, apresentados em diferentes suportes materiais, entre eles, os textos disponíveis em *sites*. Estes, em geral, já são acessados, especialmente, em outros locais, pelos professores e estudantes por meio das telas dos microcomputadores, *smartphones*, dos *laptops* e dos *tablets*. Neste sentido, este trabalho destaca a importância de se utilizar os textos disponíveis em *sites*, como objetos de leitura, sobretudo, na escola; assim, promover práticas de leitura por meio das telas e contribuir para a formação de leitores. Para isso, o referencial teórico eleito para este estudo busca esclarecer os conceitos: leitura, leitor e *site*.

Palavras-chave: Leitura. Leitor. *Sites*.

Introdução

As reflexões abordadas neste texto surgem a partir da observação durante as entradas, intervalos e saídas dos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, e de escuta de conversas informais dos professores, de uma escola particular de um município do interior do Rio Grande do Sul. Observa-se que muitos estudantes, quando estão sozinhos ou com seus colegas, estão com seus olhos voltados para as telas dos seus *smartphones*, que possibilitam acessar a *internet*, visualizar, armazenar, criar e modificar arquivos de palavras, sons e imagens, estáticas e em movimento, por meio dos programas instalados. Os estudantes aguardam o sinal para a saída da sala de aula e, imediatamente, utilizam os fones de ouvido do *smartphone*; o seu uso em sala de aula é proibido. Já na sala dos professores, os profissionais queixam-se de que os estudantes não leem e não estudam, e alguns atribuem a falta de leitura e estudo ao uso dos *smartphones*. Considera-se possível que essa situação não seja vivida exclusivamente pelos estudantes e professores dessa instituição. Diante disso, questiona-se: os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio não leem?

[1] Graduada em Tecnologia em Processamento de Dados pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e em Pedagogia Anos Iniciais do Ensino Fundamental (Crianças Jovens e Adultos) pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Especialista em Informática na Educação (UCS), Mestre em Educação (UCS) e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade- PPGLet/UCS. E-mail: afboeira@ucs.br
[2] Doutora e Mestre em Letras pela PUCRS, Especialista em Literatura Brasileira pela PUCRS e Graduada em Letras pela UCS. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade- PPGLet/UCS. E-mail: ramos.fb@gmail.com

Revista Língua & Literatura, v. 18, n. 31, p. 72-87, ago. 2016.
Recebido em: 6 abr. 2016
Aprovado em: 20 maio 2016

Ou, eles têm lido textos disponíveis em telas? Estes enunciados, de interesse dos estudantes, são explorados e reconhecidos como possíveis de leitura pelos professores na escola?

De acordo com o *Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa* (PCN, 1997) o leitor competente é aquele que compreende o que lê; lê também o que não está escrito; estabelece relações entre o texto que lê e os textos já lidos; sabe que vários sentidos podem ser atribuídos ao texto; é capaz de selecionar os textos que circulam socialmente utilizando estratégias de leitura adequadas para atender as suas necessidades. Ainda, ressalta que o leitor competente constitui-se a partir de uma prática de leitura constante, organizada em torno diversidade de textos que circulam socialmente. Portanto, os professores, na escola, são desafiados a explorar a diversidade de textos que circulam socialmente apresentados em diferentes suportes materiais, especialmente os enunciados disponíveis em *sites*, tão acessados pelos estudantes, sobretudo, por meio das telas dos *smartphones*; também por meio dos *laptops* e dos *tablets*[3].

Nesse contexto, a UNESCO (2002) destaca que os sistemas educativos de todo o mundo estão sob crescente pressão para utilizar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para ensinar estudantes os conhecimentos e as competências de que necessitam no século 21. Assim, as escolas públicas e, principalmente, as particulares também têm disponibilizado aos professores e estudantes o acesso a este suporte de leitura, por meio dos microcomputadores localizados no laboratório de informática e em outros espaços, tais como a biblioteca e sala dos professores. Dessa forma, as práticas de leitura que antes aconteciam exclusivamente na sala de aula e na biblioteca, por meio dos livros impressos; também podem ocorrer utilizando como suporte as telas dos computadores no laboratório de informática. Além das telas dos computadores dos laboratórios de informática, algumas escolas públicas brasileiras já estão inseridas no *Programa Um Computador por Aluno* (PROUCA), possibilitando aos professores e estudantes destas escolas o recebimento do *laptop* educacional, que são utilizados por eles dentro e fora da escola.

Portanto, além de promover a leitura por meio dos livros impressos distribuídos pelo *Programa Nacional Biblioteca da Escola* (PNBE), com a presença dos laboratórios de informática e do PROUCA, a escola também pode promover a leitura tendo como suporte material as telas dos monitores dos computadores e *laptops*; ainda, pode explorar as telas dos *smartphones* dos estudantes. Por meio das telas, é possível acessar diferentes *gêneros discursivos* (BAKHTIN, 2003), que apresentam características temáticas, composicionais e

[3] Computador com tela sensível ao toque, apresenta tamanho intermediário entre o *laptop* e o *smartphone*.

estilísticas comuns, entre eles, a receita, a reportagem, o romance; alguns, dependem do acesso à *internet*. Dessa forma, pode-se promover a leitura dos diversos gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003) disponíveis em *sites* que apresentam palavras, imagens, vídeos e outros recursos e que surgem a princípio para finalidades mais informais e que podem ser pensados como espaços para suportar os processos de leitura.

Assim, este trabalho, a partir das referências teóricas de Santaella (2004, 2013, 2014), Freire (1987) Lajolo; Zilberman (2009), Manguel (1997), Chartier (1999, 2002), Darnton (2010), Young (1996) e Kurose; Ross (2006), está dividido em duas seções. Apresenta inicialmente considerações sobre diferentes tipos de leituras, suportes e leitores; na segunda seção, expõe a definição de *site* e as características deste ambiente.

1 Leitura, suporte e leitor

Destaca-se que apesar do número de escolas, a população mundial, segundo dados publicados pela UNESCO (2015, p. 7), ainda é composta por cerca de 781 milhões de adultos analfabetos, que são ouvintes e falantes de enunciados, dependendo sempre de alguém, que pode ler e escrever o enunciado que lhe foi solicitado ou o enunciado que quiser, já que, não será advertido ou corrigido pelo solicitante. Por outro lado, embora estas pessoas não tenham acesso à comunicação escrita e leitura por meio da alfabetização, mesmo que não conheçam as letras do alfabeto, elas não deixam se ser leitores, porque "fora e além do livro, há uma multiplicidade de tipos de leitores" (SANTAELLLA, 2004, p. 18). Dessa forma, embora algumas pessoas não dominem as letras do alfabeto, podem ter acesso a revistas, jornais, televisão, rótulos de embalagens de produtos, sinais de trânsito, cartazes, propagandas, telas de *smartphones*, *tablets*, entre outros, realizando diferentes leituras por meio desses suportes. E o que ocorre muitas vezes é uma dicotomia, uma vez que

> o mundo da leitura é só o mundo do processo de escolarização, um mundo fechado, isolado do mundo onde vivemos experiências sobre as quais não lemos. Esse mundo escolar, onde lemos palavras que cada vez menos se relacionam com nossa experiência concreta exterior, tem-se tornado cada vez mais especializado, no mau sentido da palavra. Ao ler palavras, a escola se torna um lugar especial que nos ensina a ler apenas as 'palavras da escola', e não as 'palavras da realidade' (FREIRE, 1987, p. 164).

Portanto, ignorar a cultura, a aprendizagem, os conhecimentos e as leituras das pessoas que são ou não são alfabetizadas, pode dar a entender que o conhecimento registrado nos livros e ou o conhecimento, a leitura do professor, por exemplo, é superior e, ou melhor, do que o seu conhecimento, do que a sua leitura. Não se esclarece que se trata de conhecimentos

e leituras diferentes que podem dialogar. Assim, destaca-se a importância da escola apresentar situações de prática de leitura constante, onde a leitura se relacione com a experiência concreta dos estudantes, por meio da exploração da diversidade de textos que circulam socialmente, em seus diferentes suportes materiais.

Para Young (1996, p. 7) quando se fala em leitura "normalmente gera-se uma imagem de pequenos símbolos impressos com tinta em papel"; trata-se, em geral, de um documento que apresenta "linhas verticais de texto lido da esquerda para a direita e da parte superior da página à parte inferior". Esta pode ser a única representação dada pelos professores que ainda não consideram ou não exploram a leitura realizada pelos estudantes por meio das telas de *smartphones*, *laptops* e *tablets*, pois a leitura por meio desses suportes ultrapassa a leitura linear, incorporando palavras, sons e imagens, estáticas e em movimento.

Dessa forma, os suportes utilizados para a escrita e leitura se ampliaram: da pedra, argila fresca, papiro, códice, pergaminho, livro impresso em papel até, finalmente, o suporte de leitura eletrônico. O papiro “era uma planta das margens do Nilo, cujo caule era recortado em tiras, que depois eram coladas juntas” (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 25 - 26). No códice, embora as palavras fossem coladas uma às outras e não existisse pontuação e parágrafo, este suporte é o que mais se aproxima da forma do livro tal como conhecemos hoje.

> O pergaminho era fabricado de peles curtidas. […] Podia-se dobrar e costurar as folhas. Oferecia diversas vantagens. De uso muito mais fácil, no Ocidente, custava menos do que os rolos de papiro importados do Egito. Podia-se escrever em cada lado das folhas, com uma pena de ganso, de manuseio mais fácil do que o estilete ou a haste de caniço (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 26).

Esses diferentes suportes de leitura apresentam características peculiares, limitações e contribuições importantes que marcaram formas diferentes de se ler. Assim, para Chartier (2002, p. 30) “a leitura do rolo da Antiguidade era uma leitura contínua, que mobilizava o corpo inteiro, que não permitia ao leitor escrever enquanto lia”. Por outro lado, o autor destaca que “o códex, manuscrito ou impresso, permitiu gestos inéditos (folhear o livro, citar trechos com precisão, estabelecer índices) e favoreceu uma leitura fragmentada mas que sempre percebia a totalidade da obra, identificada por sua materialidade”. Para Darnton (2010) houve quatro mudanças fundamentais na tecnologia da informação desde que o homem começou a falar: a primeira, por volta de 4000 a.C. os homens aprenderam a escrever; a segunda, o códice substituiu o pergaminho; a terceira, a invenção da imprensa com tipos móveis na década de 1450 deixando o livro ao alcance de círculos cada vez mais amplos de leitores; e a quarta, a comunicação eletrônica. A mudança “da escrita ao códice foram 4300

anos; do códice aos tipos móveis, 1150 anos; dos tipos móveis à *internet*, 524 anos; da *internet* aos buscadores, dezessete anos; dos buscadores ao algoritmo de relevância do Google, sete anos; e quem pode imaginar o que está por vir no futuro próximo?" (DARNTON, 2010, p. 41), questiona o autor.

Evidencia-se que a "evolução das técnicas de fabricação e de divulgação dos textos impressos tornou possível o desenvolvimento da prática de leitura" (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 19); porém, defende-se, a partir da provocação apresentada por Chartier (2002, p. 117), de que o "novo suporte do escrito não significa o fim do livro ou a morte do leitor. O contrário, talvez". Portanto, considera-se importante promover situações de leitura, também na escola, em suportes impressos e em telas, uma vez que

> livros e computadores não se excluem [...] O acesso à realidade virtual depende do domínio da leitura e, assim, essa não sofre ameaça, nem concorrência. Ao contrário, sai fortalecida, por dispor de mais um espaço para sua difusão. Quanto mais se expandir o uso da escrita por intermédio do meio digital, tanto mais a leitura será chamada a contribuir para a consolidação do instrumento, a competência de seus usuários e o aumento de seu público (ZILBERMAN, 2009, p. 5).

Além disso, destaca-se que a leitura vai muito além da decodificação de palavras impressas com tinta em papel ou apresentadas numa tela de *smartphone*, *laptop* e *tablet*. Lemos muito mais do que palavras impressas ou apresentadas nestes suportes, pois ler "as letras de uma página é apenas um de seus muitos disfarces" (MANGUEL, 1997), esclarece que há diferentes leitores compartilhando o ato de ler; partilhando com os leitores de livros a arte de decifrar e traduzir signos, conforme Quadro 1:

Quadro 1 – O que o leitor pode ler?

LEITOR	O QUE PODE LER?
Astrônomo	mapa de estrelas que não existem mais
Arquiteto japonês	terra sobre a qual será erguida uma casa , de modo a protegê-la das forças malignas
Zoólogo	rastros dos animais na floresta
Jogador	gestos do parceiro antes de jogar a carta vencedora
Dançarina	anotações do coreógrafo
Público	movimentos da dançarina no palco
Tecelão	desenho intricado de um tapete tecido
Organista	várias linhas musicais simultâneas orquestradas na página
Pais	no rosto do bebê sinais de alergia, de medo e de admiração
Adivinho chinês	marcas antigas na carapaça de uma tartaruga
Amante	o corpo amado
Psiquiatra	ajudando os pacientes a ler sonhos perturbadores

Pescador havaiano	correntes do oceano ao mergulhar a mão na água
Agricultor	tempo pelos sinais no céu

Fonte: Manguel (1997).

Da mesma forma, Santaella (2004) destaca que há vários modos de ler, há vários tipos de leitores, entre eles, o leitor da imagem, do jornal, de revistas; o leitor-espectador da imagem em movimento e, o leitor do texto escrito no papel que saltou para a superfície das telas eletrônicas. A autora define quatro tipos principais de leitores, com habilidades perceptivas, sensório-motoras e cognitivas distintas: o *contemplativo*, o *movente*, o *imersivo* (SANTAELLA, 2004) e o *ubíquo* (SANTAELLA, 2013), sendo que, o aparecimento de um tipo de leitor não leva ao desaparecimento do outro.

O leitor contemplativo, que nasce no Renascimento, é o leitor da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa; o leitor movente, filho da Revolução Industrial, é aquele que lê o mundo em movimento, dinâmico, híbrido, de misturas sígnicas; enquanto que o leitor imersivo emerge nos novos espaços incorpóreos da virtualidade (SANTAELLA, 2004).

Para Santaella (2004) pode-se distinguir o leitor imersivo por: internauta errante, navegador detetive e navegador previdente. O errante é aquele "navegador que vai clicando meio sem rumo em um campo de possibilidades abertas. Sua experiência é típica de um explorador. Sem começo, meio e fim claramente definidos, a navegação é uma aventura" (SANTAELLA, 2004, p. 102). O navegador detetive, apesar de não estar imune à dispersão, tem em vista onde está e para onde quer ir. Assim, aprende com a experiência, pois seu método "está fundamentalmente alicerçado em inferências indutivas. O caso particular de uma pista que leva a um resultado bem-sucedido é imediatamente convertido em regra para ser aplicada quando surgirem situações similares" (SANTAELLA, 2004, p. 112, 113). Já a navegação do navegador previdente, "via de regra, segue um percurso previsível, que beira a automatização [...] Navegar para ele é um ato de cumplicidade com os programas cujos segredos já estão decifrados" (SANTAELLA, 2004, p. 120). Porém, conforme enfatiza Santaella (2004), caso este navegador se defronte com uma informação inesperada, "a errância volta a entrar em ação, seguida pela busca de pistas"; características, respectivamente, do navegador errante e do navegador detetive.

Ressalta-se que os três tipos de leitores, contemplativo, movente e imersivo foram identificados por Santaella em 2004 e, em menos de dez anos, em 2013, a autora identificou outro tipo de leitor, o ubíquo. Este apresenta a mistura das características do leitor movente com o leitor imersivo e surge a partir dos espaços de hipermobilidade das telas, principalmente, dos *notebooks*, *tablets* e, sobretudo, dos *smartphones*, que possibilitam que os

leitores tenham acesso aos diferentes *gêneros discursivos*, à leitura, de qualquer lugar e a qualquer momento.

Embora os leitores imersivos e ubíquos estejam aparentemente de forma mais ou menos estática na frente da tela, ao ler os diferentes gêneros discursivos disponíveis, eles precisam movimentar-se no ambiente, encontrar caminhos nas diferentes rotas disponíveis. O deslizar os dedos sobre a tela ou clicar com o *mouse* significa agir sobre o ambiente e não simplesmente movimentar-se física e mentalmente no ambiente; "atrás da ação de manusear e clicar, há muitas implicações" (SANTAELLA, 2004, p.144).

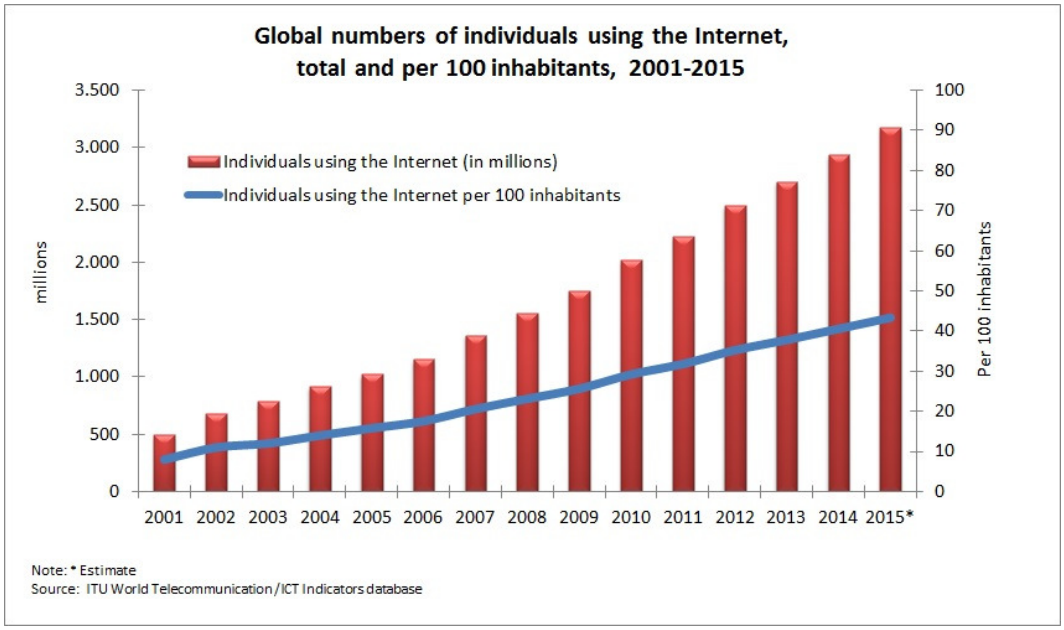
Em outras palavras, Santaella (2004, p.144) afirma que o leitor "tem de interagir com o que vê, mediante as escolhas do que vê. Ele não pode simplesmente olhar para o que se apresenta na tela, sem agir. É essa interação que está implícita no verbo 'navegar', que não é predeterminado". Os *sites* possibilitam que os leitores naveguem por palavras, sons e imagens, estáticas e em movimento.

2 *Site*: enunciados verbais, visuais e sonoros de leitura

Antes de se definir o que é um *website* ou, simplesmente, *site*, faz-se necessário definir o que é *internet*. Segundo Kurose; Ross (2006, p. 3) a *internet* "é uma rede de computadores mundial, isto é, uma rede que interconecta milhões de equipamentos de computação de todo o mundo". Ressalta-se que inicialmente os equipamentos conectados, tratavam-se primordialmente de computadores. Porém, atualmente é possível conectar a *internet* outros equipamentos, entre eles, as agendas digitais, TVs, computadores portáteis, telefones celulares, automóveis, sistemas domésticos elétricos de seguranças e câmeras (KUROSE E ROSS, 2006). Estes equipamentos interligados por diferentes meios físicos, satélite, fibra ótica, rádio e rede telefônica, em todo o mundo visam transmitir e receber informações para fins diversos (ASSUMPÇÃO FILHO, 2001).

O número de usuários de *internet* aumenta a cada ano; atualmente, em termos mundiais, 3,2 bilhão de pessoas estão usando a *internet*, sendo que o primeiro bilhão foi alcançado em 2005; o segundo bilhões em 2010; e o terceiro bilhão em 2014; entre 2000 e 2015, aumentou quase sete vezes, de 6,5 para 43% por cento da população mundial, conforme revelam os dados publicados pela *International Telecommunication Union* (ITU), Gráfico 1:

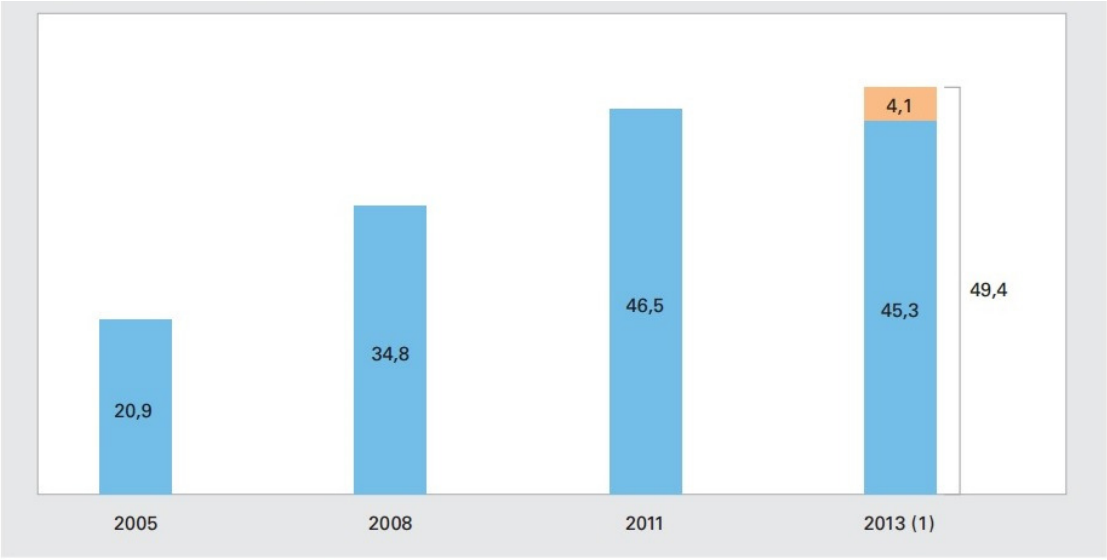
Gráfico 1 – Números global de indivíduos que utilizam a *internet* , Total e por 100 habitantes, 2001-2015



Fonte: *International Telecommunication Union* (ITU).

No Brasil, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conforme o Gráfico 2, também revelam crescimento na utilização da *internet*, de 20,9 % em 2005 para 49,4 em 2013.

Gráfico 2 – Percentual de pessoas que utilizaram a *internet* por meio de microcomputador e somente por outros equipamentos, no período de referência dos últimos três meses, na população de 10 anos ou mais de idade - Brasil - 2005/2013

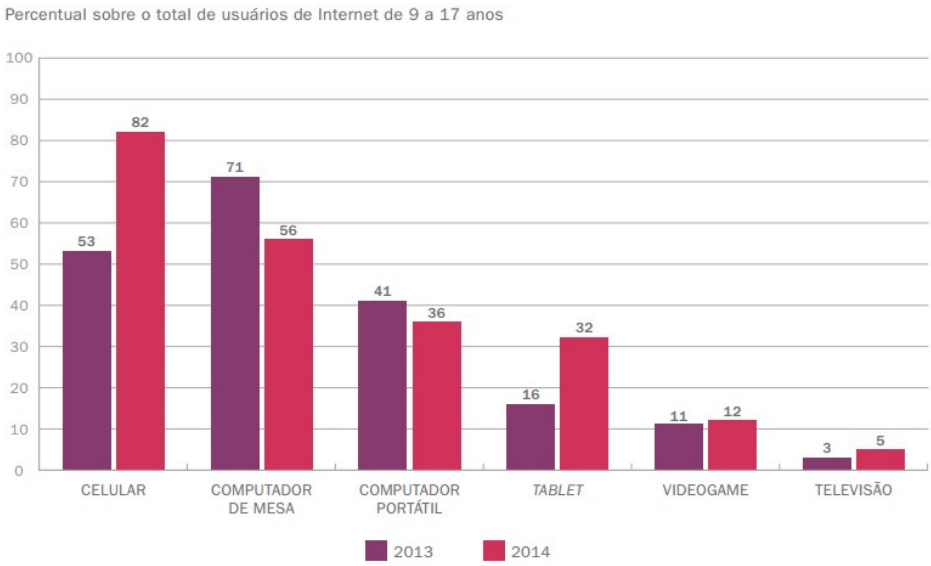


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2013.
(1) A investigação da utilização da Internet, que antes abrangia somente o microcomputador, passou a contemplar qualquer equipamento (microcomputador, telefone móvel celular, *tablet* ou outro).

A pesquisa TIC *Kids Online* Brasil[4], sobre o uso da *internet* por crianças e adolescentes brasileiros, publicada em novembro de 2015, pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC)[5], revela que as crianças e os adolescentes (dos 9 aos 17 anos), em 2014, utilizaram principalmente as telas, do *smartphone* (82%) para acessar a *internet*; em segundo lugar utilizam a do *desktop* (56%), seguida da do *notebook* (36%) e do *tablet* (32%), do *videogame* (12%), e por último, da televisão (5%), em diferentes locais, conforme Gráfico 3. Constata-se uma alteração na principal tela utilizada para acessar a *internet*, pois, em de 2013, a principal tela de acesso era o *desktop* (71%). Ainda um crescimento na utilização do *tablet*, em relação ao ano anterior, aproximando-se do acesso por meio do *notebook*.

Gráfico 3 – Proporção de crianças e adolescentes, por tipos de equipamentos utilizados para acessar a *internet*

[4] A pesquisa foi realizada com 4.210 respondentes, sendo 2.105 crianças e adolescentes usuários de Internet e 2.105 pais ou responsáveis. As entrevistas foram realizadas em 2.105 domicílios em todo o Brasil.
[5] Departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), braço executivo do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br)



Fonte: TIC *Kids Online* Brasil

A partir destes gráficos e informações destaca-se a importância de aproveitar o interesse das pessoas por microcomputadores e por telefones móveis celulares conectados à *internet* para promover a leitura por meio dos gêneros discursivos disponíveis em *Web site* ou *site*, que pode ser constituído de um único arquivo HTML (*HyperText Markup Language*), ou pode incluir centenas ou milhares de arquivos relacionados. Para Assumpção Filho (2001, p. 3) a "linguagem HTML foi criada para simplificar a construção de textos mesclados com figuras, sons, animações e *links* entre diversos textos. Textos que mesclam recursos multimídia e *links* são chamados *hipertextos*". De acordo com a *Encyclopedia Britannica Online* a *Internet* surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, mas não se tornou visível para o público em geral até o início de 1990. Isso porque, somente na década de 90 foram desenvolvidas aplicações que contribuíram para a popularização: o e-mail, o serviço de mensagem instantânea e a *Word Wide Web* (WWW) ou *Web*.

Uma página *Web* é constituída de arquivos, tais como HTML, imagem JPEG, imagem GIF, clipe de áudio e outros, que se pode acessar com um único endereço, ou seja, URL (Uniform Resourse Locator) (KUROSE; ROSS, 2006). Um "*site Web* é um portal de informações colocado a disposição do mundo inteiro ou de um grupo selecionado de pessoas" (SHARMA; SHARMA, 2001, p. 4). Portanto, estas informações não se limitam unicamente a enunciados verbais e imagens estáticas; podem ser mostradas de forma gráfica e sonora por meio de animações. Além disso, pode conter vínculos para outras páginas por meio de *links*.

Existem diferentes tipos de *sites* que apresentam diversos conteúdos, entre eles, estão os comerciais, educacionais, governamentais, institucionais, informativos e pessoais. Em comum, a maioria dos *sites* apresenta, conforme Figura 1:

Figura 1 – Tela *Home Page* do *site* "O pequeno leitor"



Fonte: O pequeno leitor. Disponível em <http://www.opequenoleitor.com.br/>. Acesso em: 04 out. 2013.

O endereço[6] (1); a *Home Page* ou a página inicial (2); o título (3); textos/enunciados verbais (4) e *links* (5). Ainda, os *sites* podem apresentar a barra de menu (6) que esta localizada geralmente na lateral ou parte superior do *site* e visa categorizar as informações, facilitando o acesso dos usuários; imagens (7), que podem ser animadas e sonoras; espaço com conteúdo restrito (8), que exigem para o acesso que os usuários cadastrem usuário, senha e concordem os termos de uso do *site*; vídeos (9); local de busca (10) para localizar alguma informação mais rapidamente no *site*.

Um *site* é composto por um conjunto de páginas *Web* interligadas por meio de *links* que podem ser atualizados de forma dinâmica. Para acessar um *site* basta digitar o seu

[6] O site "O pequeno Leitor" está disponível no endereço http://www.opequenoleitor.com.br/. Desenvolvido pela redatora publicitária Stela G. Loducca, o site tem como objetivo incentivar o interesse pela leitura em crianças de [5] a 8 anos por meio da internet.

endereço na barra de endereços do navegador[7]. Caso não se saiba qual é o endereço é possível localizá-lo por meio dos *sites* de busca. Atualmente existem serviços[8] na *Web* que disponibilizam a criação e hospedagem de *sites* sem custos para os usuários. Assim, para criar um *site*, por meio destes serviços, que oferecem tutoriais, não é necessário ter um conhecimento técnico especializado sobre a linguagem HTML, pois os serviços disponibilizam recursos para personalizar o *site* semelhante aos recursos já empregados pelos usuários quando utilizam, por exemplo, um editor de textos.

Verifica-se que os *sites* também podem possibilitar um papel ativo dos leitores e isso não se refere apenas pela autonomia deles clicarem nos *links* de seu interesse. Na Figura 1 identifica-se elementos que sugerem a participação ativa dos leitores do *site*, tais como: o convite para que façam o cadastro no *site* e acessem conteúdos de acesso restrito; localizem e troquem informações com outros leitores cadastrados; e principalmente que sejam autores de suas próprias histórias e personagens. Neste sentido, o

> processo de recepção que a escrita no meio digital apresenta as alterações mais evidentes, já que o destinatário de mensagens eletronicamente transmitidas não é um recebedor passivo. Primeiramente porque, ao contrário do leitor da era de Gutenberg, o internauta pode captar várias mensagens concomitantemente ao operar com janelas simultâneas, escolhidas de modo voluntário. Por sua vez essas janelas mesclam elementos verbais e visuais, agudizando, por serem fortemente exigidas e estimuladas, as capacidades de percepção e atenção do destinatário (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p.34).

Tanto Lajolo, Zilberman (2009) quanto Santaella (2004, 2013, 2014) ressaltam, respectivamente, que o suporte tela exige que o leitor se desloque por meio do *mouse*; que o leitor interaja por meio do movimento nervoso do *mouse*. Esta interação e deslocamento do leitor ocorre não somente por meio do mouse, mas também por meio do toque, deslizamento dos dedos sobre a tela; isso "não apenas conferem liberdade à narração, como também imprevisível e infindável, uma vez que se apresentam constantemente opções inesperadas. Obrigado a optar e a agir, o leitor ocupa uma nova posição" (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 39).

Destaca-se que os *sites* apresentam diferentes elementos tais como enunciados verbais, fotos, imagens, animações, vídeos e sons que podem propiciar a imaginação, o prazer à leitura do texto, pois dirige um apelo evidente à sensibilidade do leitor. Além disso, a leitura diante da tela é geralmente descontínua, pois ao realizar a leitura de textos num *site* os leitores são

[7] É o programa instalado no computador que se utiliza para acessar os *Websites*. *Chrome*, *Firefox*, *Internet Explorer* são exemplos de navegadores.
[8] Entre os serviços que oferecem a criação de *sites* gratuitamente estão: *Google Sites*, disponível no endereço http://www.google.com/sites; Wix, disponível no endereço http://pt.wix.com/.

apresentados ao *hipertexto*, ou seja, "cada palavra - ou até cada caractere gráfico- de um documento de qualquer tamanho pode constituir uma ligação com outro documento também de qualquer tamanho que por sua parte pode conter outra série de ligações, e assim *ad infinitum*" (YOUNG, 1996, p. 8).

Young (1996, p. 9) para elucidar o que é um *hipertexto*, sugere que imaginemos "um livro em que cada palavra na narrativa pode ser uma referência a outros livros, parecido com a presença de notas ao pé da página". Neste sentido, a leitura em *sites*, por meio do *hipertexto*, pode ultrapassar a concepção de linearidade, da leitura sequencial de palavras da esquerda para a direita e da parte superior da página à parte inferior. Isso porque, o leitor tem a opção de seguir a leitura do enunciado verbal ou acionar os *links* a outros documentos.

Considerações finais

Este trabalho apresentou questionamentos e a concepção de leitura de diferentes autores; observando que a leitura não pode se restringir, somente, às palavras e imagens estáticas dos suportes impressos. Verifica-se que os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e Médio têm lido diversos gêneros discursivos, compostos de enunciados verbais, visuais, sonoros e híbridos, por meio do suporte tela, que muitas vezes, não estão presentes na escola, não são explorados pelos professores em suas aulas.

Nesse sentido, destaca-se a importância de valorizar as diferentes modalidades de leitura, promovendo a leitura por meio da diversidade de textos que circulam socialmente, em especial, os dos *sites,* que podem ser acessados nas telas dos *smartphones*, dos *laptops* e dos *tablets*. O suporte tela e, especialmente, os gêneros discursivos que estão disponíveis por meio desse suporte, de interesse dos estudantes, evidenciado pela utilização dos *smartphones* nos intervalos, entradas e saídas da escola; poderiam ser explorados também por professores e estudantes, dos diferentes níveis de ensino, durante as aulas, para promover a leitura. Dessa forma, seria superada ou evitada a dicotomia entre as leituras realizadas na escola e as realizadas fora deste ambiente.

Ainda, este trabalho aponta a possibilidade de investigar mais precisamente as características dos *sites* e dos seus leitores. Para isso, faz-se necessário investigar as estratégias do leitor na atribuição de significados aos textos disponíveis nos *sites* e as relações que se estabelecem entre as diferentes linguagens presentes no suporte tela; verificando em que medida, a atuação desses elementos no texto, favorece a interação com o receptor, cooperando para a concretização da leitura.

Isso poderia ser feito por meio de uma análise das ações e modos de ler dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em situações de leitura em *site* infantil, por exemplo. Além disso, poderia ser proposto o preenchimento de questionário e realizar a observação dos estudantes enquanto realizam alguma atividade de leitura em *sites* selecionados ou nos seus preferidos. Assim, seria possível descrever o *site* infantil, apresentando os elementos (enunciados verbais, sons e imagens, estáticas e em movimento) que os constituem e, sobretudo, as estratégias de leitura empregadas pelos leitores imersivos e ubíquos.

Portanto, ressalta-se a necessidade de ampliar o espaço para discussão deste tema, compartilhando informações e conhecimentos, a fim de contribuir para apresentar possibilidades dos professores, de diferentes áreas do conhecimento e, alunos, de diferentes níveis de ensino, explorarem na escola os gêneros discursivos disponíveis em *sites* por meio do suporte da tela.

READING IN SITES: POSSIBILITY OF READER'S FORMATION

Abstract: The school has the challenge of promoting the formation of competent readers exploring the diversity of texts that circulate socially, presented in different material supports, between them, texts available on websites. These, generally, already are accessed, especially, at other locations, by teachers and students through the screens of PCs, smartphones, laptops and tablets. In this sense, this job highlights the importance of using the texts available on websites, as objects of reading, especially, at school; so, promote reading practices through screens and contribute for formation of readers. For this, the referential theoretical elected for this study seeks to clarify the concepts: reading, reader and site.

Keywords: Reading. Reader. *Sites*.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO FILHO, Milton Mira de (Ed.). *Microsoft FrontPage 2000*: passo a passo lite. São Paulo: Makron Books, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF, 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF, 1998.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

_____. *A aventura do livro*: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros*: passado, presente e futuro. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

FREIRE, Paulo. *Medo e ousadia*: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. *Sociologia da Leitura*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios – PNAD 2011*. Disponível em: < ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_*internet*_e_posse_celular/2011/PNAD_Inter_2011.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2014.

_____. *Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal 2013.* Disponível em: < http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93373.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2014.

KAHN, Robert. *Internet*. Encyclopedia Britannica Online. Disponível em: < http://global.britannica.com/technology/Internet >. Acesso em: 5 fev. 2016.

KUROSE, James F.; ROSS, Keith W. *Redes de computadores e a internet*: uma abordagem top-down. 3.ed. São Paulo: Pearson, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Das tábuas da lei à tela do computador*: a leitura em seus discursos. São Paulo: Ática, 2009.

MANGUEL, Alberto. *A última página*. In: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
_____. *Uma história da leitura*. 2.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço*: o perfil do leitor imersivo. São Paulo: Paullus, 2004.

_____. *O leitor ubíquo e suas consequências para a educação*. In: TORRES, Patrícia Lupion (Org.). Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento. Curitiba: SENAR - PR., 2014.

_____. *Leitor prossumidor: desafios da ubiquidade para a educação*. Ensino Superior Unicamp, nº 9, p. 19-28, Abr.2013. Disponível em: < <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf >. Acesso em: 12 out. 2015.

SHARMA, Vivek; SHARMA, Rajiv. *Desenvolvendo sites de e-commerce*. São Paulo: Makron Books, 2001.

TIC Kids Online Brasil 2013 [livro eletrônico]: *pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil* = ICT Kids Online Brazil 2013 : survey on Internet use by children in Brazil / [coordenação executiva e editorial/ executive and editorial coordination Alexandre F. Barbosa]. 1. ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014. Disponível em: <http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-kids-online-2013.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2015.

UM COMPUTADOR POR ALUNO – UCA. Disponível em: <http://www.uca.gov.br/institucional/>. Acesso em: 03 mar. 2011.

UNESCO. *Information and communication Technologies in Teacher Education: a planning guide.* Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001295/129533e.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2014.

_____. *Information and Communication Technology in Education: a curriculum for schools and programme of teacher development*. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001295/129538e.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2014.

_____. *O desafio da alfabetização global*: um perfil da alfabetização de jovens e adultos na metade da Década das Nações Unidas para a Alfabetização 2003 – 2012. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001631/163170POR.pdf>. Acesso em: 23 set. 2014.

_____. *Educação para todos 2000-2015*: progressos e desafios - relatório de monitoramento global de educação para todos 2015. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002325/232565por.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2015.

ZILBERMAN, Regina. A leitura no mundo digital. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 34 n. 56, p. 22-32, jan.-jun., 2009.